

---

## ***You Only Live Once! Aquilombamentos, geração tombamento e afrofuturismo***<sup>1</sup>

Maria Beatriz dos Santos **BARROS**<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho é parte de pesquisa de mestrado em desenvolvimento. Daremos foco numa observação da festa *Yolo! Love Party* e as questões acionadas por ela e seus frequentadores percebidas nas saídas de campo. Vinda de uma cultura comumente associada ao subúrbio carioca, a *Yolo!* nos parece ser um espaço de partilha de sensibilidades e afetos, onde os jovens negros, parte de uma geração chamada de tombamento pelas escolhas estéticas, tanto no estilo de vestir que faz alusão à cultura hip hop e a um resgate de elementos africanos, quanto em seus corpos (cabelos e maquiagem, piercing e tatuagens), conseguem criar ontologias que dão conta de suas vivências e necessidades específicas, gerando um aquilombamento ou ambiente de acolhimento e troca de vivências culturais em que outros futuros são possíveis, onde o negro é o centro.

**PALAVRAS-CHAVE:** aquilombamento; geração tombamento; afrofuturismo; racismo; sensibilidades e afetos

### **INTRODUÇÃO**

O primeiro contato com a *Yolo! Love Party* foi através de relatos de minha irmã. Ela estava em intercâmbio no Canadá e conheceu uma jovem negra, moradora de uma das favelas ocupadas pelo Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE) na região central da cidade. Uma das atividades extraclasse no mês em que conviveram em Toronto era a busca por roupas que fossem adequadas ao evento (seu comentário era “Eu não tenho roupa pra essa festa!”) e um cabelo novo. Ao me apresentar a festa, minha irmã reforçou que, ali, havia “gente bonita de verdade”, numa alusão ao comentário, racista, que costuma aparecer em divulgação de festas para o público jovem e adolescente, numa clara tentativa de convencimento dos possíveis frequentadores, de que a festa X é a melhor por estar cheia de “gente bonita”, leia-se branca.

Fui então pesquisar sobre a *Yolo!* e encontrei algumas reportagens e entrevistas com os organizadores, que inclusive chegaram a participar de um especial da Globo News sobre essa nova geração de jovens negros, a quem chamamos de tombamento, e entendi que a festa é inspirada no Afropunk. O que aumentou o interesse de conhecer o evento e entender suas

1 Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda no curso de pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Comunicação Social pela UFBA, trabalha com marketing digital e é blogueira participante do projeto coletivo Blogueiras Negras. E-mail: mariabeatrizbarros@id.uff.br

3 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

lógicas. O Afropunk é um festival anual que ocorre no bairro negro do Brooklin, em Nova Iorque, EUA. O que começou em 2005 como uma alternativa para jovens negros que gostavam de ouvir música Punk se reunirem em um evento em que se sentissem acolhidos cresceu e se tornou uma celebração a juventude e cultura negras, com diversas referências e gênero musicais, que tem edições em outros lugares dos EUA e do mundo, inclusive uma recém-anunciada edição 2020 do evento em Salvador-BA. O lema da Afropunk é “Sem racismo, sem homofobia, sem sexismo, sem etarismo, sem capacitismo, sem gordofobia, sem transfobia, sem discurso de ódio”. Mais a frente faremos um relato de campo, elencando quais as tensões e acionamentos acerca desta proposta de inclusão surgem durante a festa carioca.

Para entendermos mais um pouco sobre a festa objeto de análise deste artigo, é preciso falar sobre a geração tombamento e o que ela aciona. Inspirada na música “Tombei” da rapper curitibana Karol Conká, esta geração de jovens, entre 18 e 28 anos aproximadamente, ou seja, nascidos entre 1990 e 2000, têm influência direta da internet, do crescimento econômico e social experimentados no Brasil na primeira e começo da segunda década do século XXI e da massificação dos videoclipes, com destaque para os de hip hop estadunidenses, seja na MTV, seja através do YouTube. É uma geração que discute questões étnicas, de gênero e sexualidade, que exige ser ouvida e que se utiliza dos sites de redes sociais para fazê-lo.

Ao observar o comportamento desses jovens na festa, o que mais chama a atenção é a reverência – e criação – a uma estética negra, muito associada ao hip hop, com suas vestimentas – o boné de aba reta, as camisas de times de basquete estadunidenses, os cordões dourados, vestuário tão icônico que foi incorporado por diversas marcas de *street wear* –, o *grafitti*, os cabelos coloridos ou em penteados de inspiração africana ou afro-diaspórica, como tranças e *dread locks*. É um evento que ocorre poucas vezes no ano, então há uma preparação e expectativa dos frequentadores. Há também uma sensação de pertencimento, onde diversos gostos musicais são contemplados e diversos corpos estão convivendo, supostamente sem constrangimentos, num mesmo espaço. A ideia evocada é a de um aquilombamento, ou ainda um espaço onde jovens negros, diferente de outros espaços onde o fato de serem negros é o primeiro aspecto a ser observado, podem vislumbrar futuros ou, ainda, vivências em que a cor da pele, os cabelos crespos e os narizes largos não são uma preocupação, mas motivo de orgulho.

Para fins deste artigo, então, dividiremos as discussões em três partes: um relato de campo, com cunho etnográfico, na *Yolo! Love Party*, um levantamento de três aspectos

teóricos que nos parecem acionamentos importantes e reflexões sobre a festa, aquilombamento, a geração tombamento e afrofuturismo, e as considerações finais, onde tentamos amarrar as primeiras impressões sobre o objeto de pesquisa do mestrado e quais caminhos parecem se abrir com as questões levantadas.

### CONHECENDO A *YOLO!*

Na *fan page* do evento, eles se descrevem como: “Festa que agrega todas as tribos urbanas cariocas misturando a diversidade cultural e a Moda, o estilo alternativo de se viver e curtir a vida #afropunk”<sup>4</sup>. *Yolo* é um acrônimo para “*You Only Live Once*”, ou “só se vive uma vez”, em tradução livre. Iniciada em 2015 por iniciativa de dois jovens produtores, Marlon Diniz e Jefferson Liberato, a festa ocorre na Zona Norte, no bairro de Bento Ribeiro, subúrbio carioca, ocupando todos os espaços do clube 4Linhas, que tem localização privilegiada: próximo a estação de trem. Como dissemos, algumas reportagens já foram feitas sobre o evento em jornais e blogs, mas destaco a matéria do dia 19 de janeiro de 2018 no Jornal Extra<sup>5</sup>. Com a pauta de anunciar uma nova edição que aconteceria no dia seguinte, um sábado, a matéria dá destaque para a proposta da festa e de seus organizadores. Pensada para ser, também, uma festa na piscina, a *Yolo! Love Party* costuma ter 12 a 13 horas de duração, espaço para receber de duas a três mil pessoas, diversos DJs e Mcs, assim como são diferentes gêneros musicais e gostos abarcados pelo evento.

Ao observar, ainda na descrição do evento no Facebook, quais serão as atrações, já temos algumas pistas sobre a tentativa de inclusão que a festa se propõe. Há uma DJ no *line up*, DJ Tammy, que é fixa nos eventos, toca pop e R&B; há um set para um dos DJs residentes do Viaduto de Madureira, baile charme tombado como patrimônio imaterial da cidade, mas também há MCs de funk, DJs de música eletrônica, e a promessa de uma surpresa. Na fala de um dos organizadores, fica em evidência as inspirações e quais as expectativas do evento:

Quero que a festa vire um Rock in Rio voltado para o povo negro e hippie do subúrbio — aposta Jefferson, que tem como inspiração o Afropunk, famoso festival de música negra que acontece nos Estados Unidos: — A gente quer mostrar que a Zona Norte não é só lugar de violência. É possível ser feliz com algo voltado para a nossa realidade. Acaba sendo provocativo fazer uma festa desse tamanho numa área que normalmente não é bem vista. (JORNAL EXTRA, 2018)

4 O endereço da fan page é <https://web.facebook.com/yololoveparty/> Acesso em 29 jun. 2019.

5 Para ler a publicação na íntegra, acesse <https://extra.globo.com/noticias/rio/yolo-love-party-reune-tres-mil-pessoas-com-festa-em-piscina-megaproducao-na-zona-norte-22301146.html> Acesso em 29 jun. 2019.



Figura 1 – Yolo! Folia, fevereiro de 2019

Minha primeira ida à *Yolo!* foi no dia 16 de fevereiro de 2019, num baile de carnaval a fantasia, batizado de Yolo Folia. Para não chamar tanta atenção e destoar dos presentes, fui fantasiada também. A chegada ao local foi relativamente tranquila. Havia uma aglomeração na porta, mas apenas para quem estava com entradas para os camarotes. Alguns carros parados no portão de entrada, deixando frequentadores, assim como duas viaturas da Polícia Militar, mais a frente. O evento estava marcado para começar às 22 h, cheguei por volta das 23 h e ainda estava vazio.

Após a checagem de ingresso e uma revista superficial da minha bolsa, passo por uma quadra poliesportiva que não estava decorada, funcionando apenas como uma passagem para o pátio principal, onde ficava um arlequim inflável de uns dois a três metros, que funcionava como portal da festa. No pátio também havia uma lona que cobria o espaço, alguns puffs e bancos, barraquinhas de produtos étnicos como turbantes, brincos com padronagens e estampas africanas (notadamente da Nigéria e Angola), camisetas, assim como uma lojinha com produtos da marca *Yolo*: bonés de aba reta, pochetes, camisetas, copos. Foi mencionada uma parceria com uma loja de Madureira que vende cabelos sintéticos e uma barbearia especializada em cabelos crespos, mas não havia nenhum espaço do tipo salão no clube. Depois soube que, como o baile de carnaval começou à noite, não foi montado o serviço. Nas festas que começam à tarde costuma ter um espaço para quem quiser aproveitar os descontos e cortar cabelo, fazer tranças ou comprar acessórios ou cabelos sintéticos no evento mesmo.

---

O instinto inicial foi dar uma volta no clube, para entender o tamanho e distribuição do espaço. Ali perto do *lounge* também ficava um caixa, que aceitava cartões e dinheiro, um dos três bares montados ao longo do clube e uma cadeira com a logo em néon, ponto muito procurado – havia uma fila – por ser o espaço mais “instagramável” da festa. Na área coberta, um palco grande, a menos de dois metros de altura do chão, também decorado com uma logo enorme e um telão de LED, com jogos de luzes, microfones e um sistema de som potente, que da esquina já dava para ouvir. Em frente ao palco ficam os camarotes, que incluíam bebida liberada além do ingresso para a festa e espaço reservado. As barraquinhas com comida ficavam atrás do pátio central, perto do acesso à piscina, que estava fechado.

Depois de circular por todo o ambiente na festa, me dei conta de que estava há meia hora ouvindo funk. Me pareceu ser uma oportunidade de marcação de localização, assim como incentivo para a dança. A escolha do local não pareceu ser aleatória – impressão esta que é corroborada pela entrevista citada acima – é uma festa do subúrbio carioca por excelência. Na *Yolo!* Folia tiveram DJs, apresentações de Mcs (homens e mulheres) e a surpresa desse evento, uma banda ao vivo, puxando o “Bloco da Yolo”, que tocou marchinhas e “músicas de carnaval”, que abriu com Frevo Mulher, da Elba Ramalho, mas passou pela Axé Music, sambas de enredo, frevo e mais outros gêneros associados à folia. Do que acompanhei, a festa começou com dois sets de funk e depois dois sets seguidos de black music. Logo a seguir a DJ Tammy sobre ao palco e assume as *pickups* tocando R&B, gangsta rap, pop e Beyoncé. Com ela tocando, tivemos uma rapper no palco. Nesse momento tiveram várias mulheres que subiram ao palco, mulheres gordas e magras, hétero e lésbicas. Não me pareceu haver uma óbvia objetificação ou hipersexualização das danças e corpos, apesar da sensualidade na dança. Havia mais um senso, entre as participantes e os expectadores, de uma sensação de liberdade e valorização das habilidades das mulheres dançando.

Se os gêneros musicais chamaram a atenção por serem ecléticos e, supostamente, agradar a diferentes gostos, as roupas e cabelos são um espetáculo a parte. Várias delas são maiôs ou biquínis, haviam também corpos gordos em trajes de banho. Diversas das fantasias têm inspiração em personagens negros, como o grupo vestido de faraós, mas também inspirados em personagens de quadrinhos e filmes. Observando melhor as inspirações, tem Egito em várias delas. Rainhas e reis africanos. O super-herói Pantera Negra (um dos organizadores estava com a fantasia) e o partido dos Panteras Negras. Beyoncé (Formation e Homecoming). Anjos e demônios. Um grupo de quatro a cinco homens vestidos de Acquamens. Flores. Alunos de escola municipal do Rio. Bombeiro. Gari. Quanto aos cabelos,

diversos tipos e cores de tranças, *dread locks*, cortes estilo Grace Jones ou “na régua”, cabelos afros/crespos curtos e enormes black power em cores também das mais diversas. Os organizadores, em dado momento, fazem questão de reforçar no palco que a festa é inclusiva, mencionando a comunidade LGBT. Vi alguns cadeirantes ou outros PCDs, muito mais do que já havia visto em qualquer outra festa ou baile. Ainda que fosse uma festa temática, à fantasia, o estilo notadamente era inspirado no Afropunk.

Aqui, brancos são minoria. Este não é um ambiente completamente não-negro, mas fica claro a quem a festa se destina e qual é seu público principal. Faixa etária parece ser de 18 a 30 anos, justamente na faixa da geração tombamento. Há poucos casais interracialis, e me parece que também é um propósito da ambiência criada. Aqui estamos em um quilombo, ainda que temporário e com seus problemas. O preço dos ingressos e o valor das bebidas, por exemplo, fazem com que esta não seja uma festa acessível. É preciso ter certa renda para aproveitar a festa como um todo, ou uma preparação a longo prazo.

A festa começou às 22 h, mas só ficou cheia mesmo após uma da manhã. Num clima tranquilo, e diferente de outras festas, não havia muito espaço para paquera ou, sequer, xavecar. Só registrei casais que chegaram juntos. A sensação no final é a de que não parece uma festa de “pegação”, mas um lugar para ver e ser visto. Característica também associada a esta geração, que sai mais para expor sua criatividade e individualidade, sua presença e sentimento de pertencimento, que para ter um par romântico para a noite. Não que interpelações não aconteçam, mas não parecem ser o foco. Fique até as cinco da manhã e vi poucos casais trocando afeto, assim como não vi a piscina ser utilizada – soube que ela foi aberta após as 7 h. Mas, novamente, o intuito ali parece ser curtir a música e a vibração do coletivo.

No quesito dança, a audiência da festa parece se preparar também com as coreografias das músicas. Não só as gay. Vários meninos héteros se destacaram nos passinhos e acabaram sendo chamados ao palco para dançar. A festa é uma mistura interessante de diferentes estilos. Há os que se vestem de forma mais “conservadora”, ou em conformidade de gênero. Tem quem esteja num espectro mais lúdico. E há quem aproveite o momento da festa para expressar o seu “eu”, mais criativo e não conformativo. Isso se espelha também na dança. Havia os passinhos do funk e de baile charme, as coreografias das divas pop e o samba e outras movimentações corporais ao som do bloco de carnaval.

---

## GERAÇÃO TOMBAMENTO

Sobre a Geração Tombamento<sup>6</sup> já escrevemos, em artigos anteriores (BARROS, 2018; 2019), sobre como este grupo de jovens, como falado anteriormente, busca um posicionamento que pode ser visto como político ao reivindicar a expressão de sua negritude, seus desejos e sua criatividade. Ou seja, da ordem de uma política do corpo e não político-partidária. Associado à geração tombamento está a teoria do empoderamento. Entendemos que há um esvaziamento do termo, especialmente após a apropriação feita por campanhas publicitárias e discursos vazios de internet, mas num entendimento do que esta geração vem reivindicando, a teoria do empoderamento nos ajuda a compreender seus anseios.

A Teoria do Empoderamento é um conceito dos anos 1970 que é baseada nos conceitos trazidos por Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” e amplamente discutido por Joice Berth em “O que é empoderamento?”(2018) em que o argumento central é que o empoderamento: “não visa retirar poder de um para dar a outro a ponto de se inverter os polos de opressão, mas sim uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade.” (BERTH, 2018, p.16). Ainda segundo a teoria, o empoderamento é um movimento individual que tem efeito no coletivo. É preciso que cada um rompa suas amarras e opressões, para que o efeito contagie a quem está ao redor, tornando uma reação em cadeia. Quando falamos em romper “amarras”, estamos falando da construção de uma nova possibilidade de si, uma nova ontologia<sup>7</sup>, inicialmente através de um empoderamento estético, ou seja, entendendo que o corpo negro também é belo.

A Nilma Lino Gomes tem um artigo muito interessante, derivado de sua tese de doutorado, chamado “Cabelo e Corpo como símbolos da identidade negra” (2012), em que destaca o “importante papel desempenhado pela dupla cabelo e cor da pele na construção da identidade negra e a importância destes, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, inclusive aquele que consegue algum tipo de ascensão social.” (GOMES, 2012, p.1) Corroborando com a ideia de empoderamento estético que nos leva a um empoderamento social, o movimento de retomada dos cabelos crespos no final da década de 2000, como aconteceu nos anos 1970, que chega ao Brasil até a primeira metade da década de 2010, é um dos aspectos que pauta essa geração e que nos parece ser um dos símbolos de um empoderamento que está em processo e disputa.

---

<sup>6</sup> A equipe da Yolo! Love Party, assim como alguns frequentadores, foram entrevistados para uma reportagem especial da Globo News sobre o tema, que pode ser acessada em <https://web.facebook.com/yololoveparty/videos/2126900044288276/>. Acesso em 29 jun. 2019.

<sup>7</sup> Na perspectiva africana do Ubuntu e a cosmogonia de Orunmilá, como trabalhado por Renato Noguera (2018) a partir de pesquisas como a da filósofa nigeriana Sophie Oluwole

---

Pensando nos cabelos crespos, apesar de ambos os gêneros serem impactados pelo racismo em relação a este traço, a mulher, por questões machistas, é a mais afetada. Neste sentido, a mulher negra se empodera ao conseguir lidar com duas questões ao mesmo tempo: o racismo e o machismo que circundam seus cabelos. Desde muito novas o cabelo da mulher negra é visto como um fardo. É um dos mais marcantes sinais de negritude (assim como a cor da pele) e, apesar de ser um elemento que seja, a princípio, fácil de manipular, a ideia de que o cabelo da mulher é algo com o qual ela deve lidar<sup>8</sup> nos coloca em uma eterna insatisfação com nossos corpos, eterna vigilância de nossa aparência e sem entendermos ao certo quem somos, ao não sermos completamente aceitas, visto que com ou sem alteração química dos cabelos, usando peruca ou trança, ainda não seremos aceitas por não sermos, por mais tentativas que hajam de emular, o padrão estético vigente. Portanto, como no movimento *Black Power* dos anos 1970, é bastante compreensível focar um primeiro momento do empoderamento estético nos cabelos, especialmente das mulheres, “pois amá-lo significa cuspir de volta para a boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de uma vida.” (BERTH, 2018, p.95).

Aqui cabe, também, uma discussão cada vez mais recorrente, seja entre grupos que discutem negritudes ou pessoas comuns em sites de redes sociais, em evidência especialmente quando da discussão de ações afirmativas para a população afrodescendente, que é a pergunta “o que é ser negro?”. Há uma série de trabalhos sobre o assunto, em antropologia, filosofia, sociologia, história e outras disciplinas. O historiador cubano Carlos Moore fez um levantamento histórico de todos os povos melanodérmicos (com pele escura) encontrados ao redor do planeta e escreveu suas conclusões em “Racismo e Sociedade” (2007). Para o pesquisador, “Raça não é um conceito que possa ser definido segundo critérios biológicos. Porém, raça existe: ela é uma construção sociopolítica, o que não é o caso do racismo, um fenômeno que antecede sua própria definição.”(MOORE, 2007, p.38). Ainda segundo o autor, “racismo é um fenômeno eminentemente histórico, ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos.” (IDEM). Ou seja, antes da invenção do “negro” já haviam casos, ao longo da história, em que populações de pele mais escura foram preteridas e subalternizadas. A diferença para o sistema criado nas imediações das Grandes Navegações pelo europeu é que este é “um sistema complexo perverso gerador de temores e tormentos” (MBEMBE, 2018, p.27). O substantivo “negro”, inclusive, teve três funções, ou momentos, na modernidade:

---

<sup>8</sup> Para o negro, a ideia de labuta, sofrimento e fadiga faz parte de uma história ancestral. Remete à exploração e à escravidão. Assim, a expressão “lida”, numa perspectiva racial, incorpora a ideia de trabalho forçado e coisificação do escravo e da escrava. Lembra, também, as estratégias do regime escravista na tentativa de anular a cultura do povo negro. (GOMES, 2003, p.7)



atribuição, interiorização e subversão (MBEMBE, 2018, p.92). A primeira função serviu para designar uma humanidade à parte, a segunda é um momento de carregar o peso da palavra para si e o terceiro, numa subversão ao que originalmente propunha, usar a palavra negro para atribuir beleza, criatividade e orgulho.

A geração tombamento entra nessa terceira função ou momento: a subversão. O que os frequentadores da *Yolo!* nos parecem fazer, ainda que, em algum grau, buscando apenas um empoderamento estético, é atribuir à palavra “negro” valores positivos como beleza e criatividade, retomando o movimento *Black is Beautiful* dos anos 1960, que foi atualizado pela cultura hip hop, que permeia as escolhas estéticas e culturais dessa geração. “A cultura hip-hop está virtualmente em todos os lugares: televisão, rádio, cinema, revistas, galerias de arte, e na cultura ‘underground’.”(RAMSEY, 2003, p. 164, tradução nossa<sup>9</sup>). São esses gostos e protagonismo nas escolhas e ontologias que definem a geração tombamento.

#### **AQUILOMBAMENTO E AFROFUTURISMO**

Outros acionamentos que a *Yolo!* nos traz são as noções de aquilombamento e de afrofuturismo. Começamos, então, por explicar os dois conceitos. Afrofuturismo é a capacidade de, na falta de um referencial histórico de negritudes que sejam positivos, reinventar o que foi construído sobre a cultura negra, para que novos futuros possam ser vislumbrados. Em outras palavras, é o que nos faz questionar “como a comunidade negra diaspórica que teve deliberadamente o nosso passado roubado e apagado pela escravidão consegue, sem esse acervo de imagens, vislumbrar futuros?” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p.406-407).

Enxergamos a *Yolo!* e outros bailes e festas como um ambiente de retomada de uma ontologia negra, que foi dilacerada pela escravização e que podem ser reaprendidas ou, ainda, retomadas, partindo de uma filosofia que é um pensar coletivo pela participação (oralidade) e que difere da forma que não-negros organizam as suas subjetividades. Aqui entra, então, a proposta de aquilombamento, quilombos urbanos/afetivos como local de busca e reencontro com ontologias e subjetividades que foram exterminadas, epistemologicamente inclusive, no processo de escravização.

Tomando quilombos como comunidades negras de trocas culturais, afetivas e, também, ambiente de liberdade e proteção contra a escravização de seus corpos e sua “morte”

---

<sup>9</sup> Do original: Hip-hop culture is virtually everywhere: television, radio, film, magazines, art galleries, and in “underground” culture.

epistemológica, o senso de aquilombamento é semelhante, em termos de suas intenções, com Palmares, onde “os negros compuseram sua comunidade, no intuito de se protegerem da violência da escravidão e de compartilharem seus valores (cultura), suas lutas, seus saberes, ressaltando o ‘ideal comunitário’.” (SILVA, 2018, p. 4). Também em ambientes como os da *Yolo*, jovens negros buscam um ambiente em que possam compartilhar seus valores, saberes e que se sintam protegidos.

É preciso entender que “o princípio de raça depende de um conjunto de práticas cujo alvo imediato, direto, é o corpo do outro e cujo campo de aplicação é a vida em sua generalidade.” (MBEME, 2018, p.106). Que, de início, eram práticas sem uma conexão ou fundamentação basal, e passam a ser parte dos costumes e cultura, tomando corpo nas instituições, leis e técnicas, buscando-se razões inclusive científicas para justificar seu mérito. Raça é o que segrega, exclui, estigmatiza e consome. Neste ponto aparece o papel do Estado e de outras instituições, como a Igreja Católica, na manutenção destes costumes, ao incorporar nas leis a existência de raças, estabelecer hierarquia entre elas, incitando hostilidade permanente entre os grupos existentes.

Um dos fatores culturais que melhor funcionam de marcadores da suposta inferioridade do negro é a língua. Frantz Fanon, em seu “Peles Negras, Máscaras Brancas”, nos chama a atenção para a importância da linguagem, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (2008, p.33). Entre captura e escravização em terras desconhecidas pelos negros, alguns expedientes foram escolhidos para ajudar na manutenção do sistema. Um deles era a separação de pessoas de uma mesma tribo ou região, para que estas não reconhecessem os costumes, língua e, com isso, não pudessem sentir qualquer ligação entre eles, num “tríplice mecanismo de captura, esvaziamento e objetificação” (MBEMBE, 2018, p. 94).

Mas esta mistura também gerou uma marca distintiva. Os negros eram proibidos de estudar em muitos dos casos, desencorajados em outros momentos, mesmo no pós-abolição. Logo, o domínio da língua do colonizador é um dos fatores de demarcação e de acesso às leis e direitos. Até hoje o domínio da norma culta da língua serve como parâmetro para hierarquizações sociais. Se a cor da pele, os cabelos e costumes não fossem o suficiente, o português (ou francês ou espanhol, ou ainda inglês) cheio de maneirismos e sinais de mescla com outros idiomas, também era visto como de segunda classe, colocando o negro como um ser inferior, mas mais ainda, confirmando a sua suposta inferioridade.

---

Uma das grandes questões para a negritude é a falta de registro das produções intelectuais e da história das populações e nações negras, visto que muito se perdeu ou foi intencionalmente não registrado ou queimado. Sem termos imagens do passado para nos espelhar, como pensar projetos de futuro em que a população negra consiga, efetivamente, descolonizar seu pensamento? É aí que entra o afrofuturismo e festas como a *Yolo*. A proposta é a de desenvolver mecanismos de valorização e subversão do lugar que foi imposto ao negro, criando um futuro baseado nas experiências do presente e nas recordações que guardamos de nossos antepassados.

Fanon reforça que o termo “negro” vem de um mecanismo de atribuição e não de autodesignação. Não nascemos negros, não somos pretos tampouco. Não está em nosso nome ou sobrenome. Logo, somos humanos e é a isto que devemos nos apegar. “Desde que era impossível livrar-me de um *complexo inato*, decidi me afirmar como Negro.” (FANON, 2008, p.108) Quer dizer, já que não há como disfarçar a negritude, vamos assumi-la com orgulho, indo contra o que pregam os racistas. “Continuo a ser um ser humano, por mais intrínseca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou.” (MBEMBE, 2018, p.92).

Também por isso é tão importante termos trabalhos como o do Dr. Renato Nogueira, da UFRRJ, que trabalha a filosofia africana, e do Dr. Luiz Rufino, que desenvolveu uma Pedagogia da Encruzilhada, o que nos permite pensar em outros projetos de futuro recuperando um passado que é nosso, mas que nos foi roubado. Conforme explica Nogueira, “uma das caracterizações mais adequadas para definir a filosofia de Orunmilá é como um modo de vida que se ocupa de duas atividades: conhecer a própria cabeça (ciência da cabeça) e mapear antecipadamente os caminhos a serem percorridos (cartografia dos caminhos).” (2018, p. 34). Quer dizer, a filosofia africana pensa em conhecermos a nós mesmos, criando ontologias próprias, e perceber quais caminhos temos a frente, ao que neste artigo chamamos de afrofuturismo. Entendimento semelhante tem Rufino, que descreve sua Pedagogia da Encruzilhada como uma epistemologia que foca primeiramente “a reinvenção dos seres, a partir dos cacos desmantelados, o reposicionamento das memórias e a justiça cognitiva diante do trauma e das ações de violência produzidas pelo colonialismo.” (RUFINO, 2018, p. 74).

Como ambos estão utilizando o conhecimento ancestral africano e sua cosmogonia, o candomblé (e umbanda, para efeitos de Brasil) aparece não meramente como uma religião, mas como fonte de entendimento de uma cultura que nos foi proibida e dizimada. Evocando

essa cosmogonia, vem a figura do Exu, que “emerge como disponibilidade conceitual para pensar a radicalidade dos seres, suas cognições e subjetividades, a partir de outros referenciais transgredindo a noção simplista do fazer pedagógico como um mero modelo metodológico.” (RUFINO, 2017, p. 74). Nogueira vai além, explicando como a cosmogonia de Orunmilá nos ajuda a construir ontologias:

A primeira recomendação filosófica de Orunmilá é a leitura de si. Todo sujeito deve se ocupar de si. Não num sentido narcísico em que o espelho mostra apenas a própria imagem; mas, na perspectiva do espelho de Oxum [...], um espelho que não tem como função principal apresentar o reflexo de quem o encara; mas, mostrar o passado. Em outros termos, demonstrar o percurso que tornou possível que o sujeito esteja onde está. (NOGUERA, 2018, p. 37)

É recuperando este passado, nos aquilombando em festas, grupos e eventos diversos, que temos a perspectiva de construir novas noções do eu e sobretudo temos a possibilidade de vislumbrar outros futuros que não os traçados para nós por não-negros.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que, no nosso entendimento, correlaciona as ideias de aquilombamento, afrofuturismo e geração tombamento é o que o filósofo francês Jacques Rancière chama de Partilha do Sensível. Em seu livro de 2009, o autor trata de uma estética da política, um afeto, um sensível que é compartilhado e que, portanto, se torna um fazer político do cotidiano, das relações de um grupo. São teorias pós-estruturalistas, de pensar a arte e a vida em comunhão. Também é uma forma de pensar arte e estética não como um lugar vazio ou perdido, como se têm falado, especialmente em relação às culturas populares ou marginalizadas. Não há perda, mas alteração na forma como fazemos política.

“Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas [...] numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como o comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha.” (RANCIÈRE, 2009, p. 15)

Essa geração tombamento é, então, como a geração pós-hip-hop estadunidense (DURHAM, 2015), uma resposta, não necessariamente intencional, ao discurso vigente que nos coloca em marginalidade, mostrando que o racismo existe sim, mas ser negro é ser, também, criativo e belo. E a música, através da festa, cumpre seu papel de agregador de grupos de pessoas, de emissor de mensagens e de lazer e entretenimento. A cultura hip-hop é

---

apropriada pelos jovens, ainda estes que não escutem rap, como uma exaltação dos traços e cultura negros.

Podemos pensar em diversos modos como grupos negros, especialmente no pós-abolição, por todos os países da diáspora negra, subverteram a ordem ao usar sua negritude como um estandarte. Mas vamos utilizar o exemplo das mulheres negras, já mencionadas anteriormente pelo empoderamento estético de abraçar seus cabelos crespos, que desde os primórdios são feministas, também por seu lugar de fragilidade social por lidar com opressões étnicas e de gênero, e seus projetos de mudança social, de pensar futuros em que tenhamos nossas próprias ontologias, como propõe o afrofuturismo.

Desde Sojourner Truth temos mulheres negras apontando para a invisibilidade dos negros. Patricia Hill Collins (2016) nos chama de *outsider within*, por ser a mulher negra aquela que não é homem, mas também não é branca, sendo o outro do outro. Dando conta de que, nos EUA dos anos 1940, mais de 60% das mulheres negras no mercado de trabalho eram trabalhadoras domésticas, há ali um lugar privilegiado para perceber as dinâmicas das famílias brancas, percebendo tanto o homem branco quanto a mulher branca de perto, em seus momentos íntimos, o que os homens negros não costumavam ter acesso. Esse lugar nos permite perceber as distorções e omissões das falas totalizantes, seja dentro do feminismo, seja dentro da academia.

Patricia Hill Collins sugere que, em primeiro lugar, devemos “definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de ‘outro’ objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação.” (COLLINS, 2016, 106). Sendo o homem branco a imagem padrão positiva, a mulher negra seria sua antítese virtual. Em assim sendo, a autora prega que tenhamos novos padrões de imagem autodefinidas. O feminismo negro é aquele que busca pensar não só as opressões de gênero, mas as de raça e classe, em conjunto. Não para criar uma hierarquização das opressões, mas para levarmos em conta as muitas nuances das interações sociais. O homem branco detém o padrão, a mulher branca está a um degrau deste, pois afinal, é mulher. O homem negro está abaixo dos brancos, pois afinal é negro, mas é homem. Logo a mulher negra fica no degrau mais baixo, a sem privilégios, a não ser o seu lugar de outsider.

---

Quando dizemos que o futuro será negro, ou não será, dizemos de um ponto de vista quantitativo também. A população de não-brancos é maior que a população caucasiana no planeta. A tendência é que tenhamos mais de 1/3 da população sendo negra – visto que a Europa começa a reduzir de tamanho – em alguns anos. Mas falamos, principalmente, em relação ao futuro da população negra na África e em países da diáspora.

A partir desse entendimento, as discussões aqui trazidas abrem outras frentes de pensamento, como uma proposta de articular o devir do negro suburbano carioca, suas práticas culturais e as festas e bailes charme, como a *Yolo*. Sobre o devir negro suburbano, que é uma ideia em construção, queremos analisar o que é o subúrbio do Rio, quais seus lugares míticos e como esses fluxos, esse ir e vir permanente, simbolizados na travessia diária da cidade entre as zonas Norte e Sul para trabalhar, nos ajudam a entender ambientes e aquilombamentos como a *Yolo*, que se propõe a ser uma exaltação da e para a cultura negra do subúrbio carioca.

Ainda sobre esse devir, tomamos emprestada a ideia de uma pedagogia do oprimido que é, na verdade, uma proposta de epistemologia a partir do oprimido e não para ou sobre ele. É daí que nasce a teoria do empoderamento. Não é possível uma epistemologia que liberte o indivíduo, mas uma libertação coletiva, através da criação de uma ontologia própria e da educação. Aqui encontramos um paralelo com o afrofuturismo que também postula uma epistemologia a partir da vivência do negro e não sobre ele. Parafraseando a Dra. Giovana Xavier, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, em vez de usarmos corpos negros como objeto de pesquisa, sejamos nós os pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Beatriz dos Santos. **CAUSANDO UM TOMBAMENTO: KAROL CONKÁ E UMA NEGRITUDE EMPODERADA POSSÍVEL**. In: III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018) - São Paulo-SP, 2019. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/jig2018/trabalho/82391> Acesso em: 27 jun. 2019
- \_\_\_\_\_. **Uma “nova” estética feminina negra: swag, identidades e geração tombamento**. In: IX Encontro Nacional de Estudos de Consumo. ESPM – RJ, 2018. Disponível em: [http://www.enec2018.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=7](http://www.enec2018.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=7) Acesso em 27 jun. 2019.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- COLLINS, Patricia Hills. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e estado. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-9922016000100099&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-9922016000100099&script=sci_arttext) >. Acesso em 29 set. 17.
- DURHAM, Aisha. **While Black: Millennial Race Play and the Post-Hip-Hop Generation**. Cultural Studies ↔ Critical Methodologies, 15(4), 253–259, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1532708615578414> Acesso em 20 jul. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 67ª edição, 2019.
- FREITAS, Kenia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente**. REVISTA IMAGOFAGIA, v. 17, p. 402-424, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Comunicação em Curso Educação, Relações Raciais e Direito, Ação Educativa, 2012. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf> . Acesso em 27 jun. 2019.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo, n-1 editora, 2018.
- MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para compreender o racismo**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007.
- NOGUERA, Renato. **A questão do autoconhecimento na filosofia de Orunmilá**. ODEERE, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 29-42, dez. 2018. ISSN 2525-4715. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4328> Acesso em: 14 mar. 2019.
- RAMSEY, Guthrie P. **Race Music: Black culture from beebop to hip-hop**. Califórnia, University of California Press, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org./Editora 34. 2ª edição, 2009.
- RUFINO, Luiz. **PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS**. Revista Periferia, v.10, n. 1, jan/jun. 2018. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504> Acesso em 1 jul. 2019.
- SILVA, R. N. **QUILOMBOS VIRTUAIS: AS NOVAS EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA, ATIVISMO E EMPODERAMENTO NEGRO NAS REDES SOCIAIS**. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville. Anais do 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018.
- YOLO Love Party reúne três mil pessoas com festa em piscina e megaprodução na Zona Norte. Jornal Extra, Rio de Janeiro, 19 jan. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/yolo-love-party-reune-tres-mil-pessoas-com-festa-em-piscina-megaproducao-na-zona-norte-22301146.html> . Acesso em 29 jun. 2019.